

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA



VICTOR DANTAS DA ROCHA

**PRODUÇÃO ACADÊMICA ACERCA DOS JOGOS COOPERATIVOS NOS
PERIÓDICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

BRASÍLIA, DF

1º/2019



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – LICENCIATURA

**PRODUÇÃO ACADÊMICA ACERCA DOS JOGOS COOPERATIVOS NOS
PERIÓDICOS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

Trabalho apresentado ao curso de Educação Física da Universidade de Brasília como requisito para a conclusão de curso e obtenção do diploma de Licenciatura em Educação Física.

Orientador: Professor Me. Tiago Onofre

BRASÍLIA, DF

1º/2019



VICTOR DANTAS DA ROCHA

Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura apresentado ao curso de Educação Física da Universidade de Brasília como requisito para a conclusão de curso e para obtenção do diploma de Licenciatura em Educação Física, avaliado por:

Professor Me. Juarez Oliveira Sampaio

Professor Me. Tiago Onofre da Silva

Dedico este trabalho inicialmente a todas as pessoas que passaram pela minha graduação, que trouxeram para o percurso da minha vida grandes aprendizados e vivências que levarei comigo na jornada adiante, agradecendo então a todos os docentes que foram responsáveis pela minha formação e aprendizados que vão me dar estrutura para aplicação na vida profissional. Agradeço também a minha família que sempre esteve ao meu lado em todos os momentos me dando os suportes necessários para realização da minha graduação, com especial a meu pai Tarcísio Manoel da Rocha e minha mãe Patricia de Mendonça Dantas, que estiveram ativamente comigo para que esse momento fosse possível. Agradeço à minha namorada Jéssica Oliveira Presmic, que foi fundamental sendo minha parceira e me ajudando em todos os momentos na realização deste trabalho e pela minha graduação. Agradecer aos meus amigos e atletas do CUCA (Clube Universitário de Canoagem), que tiveram um papel fundamental de aprendizados e vivências neste percurso pela Universidade. Agradecer aos meus amigos Jeremias Maia, Rafael Ribeiro e Wilker Alves, por todas as experiências e vivências que me proporcionaram em toda essa jornada acadêmica. Ao meu orientador, Tiago Onofre, que aceitou esse desafio de realizar comigo, em meio a tantas situações e problemas, me dando todo o suporte necessário para realização deste trabalho. A todos, o meu muito obrigado.

Resumo

Este trabalho consiste em um estudo exploratório bibliográfico acerca das revistas que tematizam a Educação Física Escolar, tendo como foco três objetivos principais: identificar e compreender a origem e desenvolvimento dos Jogos Cooperativos no Brasil; identificar os conceitos envolvidos sobre o tema, com autores principais, bem como mapear e caracterizar a produção nos periódicos da Educação Física. Para tanto, foi realizada uma pesquisa em três principais periódicos, que abordam e retratam assuntos da Educação Física Escolar, para análise de qual a visão e tematização que tem trazido o tema dos Jogos Cooperativos na produção acadêmica. Para trazer o embasamento e formulação das ideias acerca do tema, o primeiro capítulo consiste em uma revisão e apontamentos da relevância dos Jogos e suas diversas variações, para posteriormente levar em consideração e mostrar essas atividades nos diversos contextos da educação, para no final ser mostrado todo o fundamento e histórico dos Jogos Cooperativos no Brasil e como o assunto emergiu e os principais indivíduos e projetos responsáveis para o assunto tomar forma na realidade Brasileira. O segundo capítulo traz as visões e fundamentações de Fábio Broto e Marcos Correia acerca do tema, escolhidos como os principais responsáveis por produções acadêmicas acerca do tema. Trazendo no terceiro capítulo os artigos publicados acerca do tema nos periódicos que abordam a Educação Física Escolar.

Palavras-chave: Competição, Cooperação, Jogos Cooperativos, Broto e Correia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1: O JOGO E SUAS DIVERSAS CONTRIBUIÇÕES.....	8
1.1 – JOGO E SEUS CONCEITOS.....	8
1.2 – O JOGO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO.....	9
1.3 - JOGOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....	12
1.4 - JOGOS COOPERATIVOS NO BRASIL.....	15
1.5 - COMPETIÇÃO X COOPERAÇÃO.....	23
CAPÍTULO 2: JOGOS COOPERATIVOS DE ACORDO COM BROTTTO E CORREIA.....	28
2.1 – JOGOS COOPERATIVOS DE ACORDO COM FÁBIO OTUZI BROTTTO.....	29
2.2 – JOGOS COOPERATIVOS DE ACORDO COM MARCOS MIRANDA CORREIA.....	31
CAPÍTULO 3: EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS DAS PUBLICAÇÕES NAS REVISTAS.....	36
3.1 – JOGOS COOPERATIVOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: E ENVOLVIMENTO DOS ALUNOS.....	36
3.2 – ATITUDES COOPERATIVAS DE DOCENTES EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTA.....	39
3.3 - COMPETIÇÃO E COOPERAÇÃO: À PROCURA DO EQUILÍBRIO.....	40
3.4 - JOGOS COOPERATIVOS – EU APRENDO, TU APRENDES, NÓS COOPERAMOS.....	43
3.5 - A AGRESSIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O JOGO COMO FORMA DE INTERVENÇÃO.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46

Introdução

Este trabalho consiste em um estudo exploratório bibliográfico acerca das revistas que tematizam a Educação Física Escolar, tendo como foco três objetivos principais: identificar e compreender a origem e desenvolvimento dos Jogos Cooperativos no Brasil; identificar os conceitos envolvidos sobre o tema, com autores principais, bem como mapear e caracterizar a produção nos periódicos da Educação Física.

Para isso, foi elaborada inicialmente uma apresentação dos principais pensamentos envolvidos nesse tipo de atividade, evidenciando suas importantes funções como eixo de transformação da realidade escolar e, no longo prazo, uma mudança de hábitos, culturas e relações com o mundo

Posteriormente, realizou-se análise do histórico dos Jogos Cooperativos tanto no Brasil como no exterior, trazendo a visão dos principais pensadores do tema. Para tanto, buscou-se um elo entre esse contexto e as principais ideias de competição, que se contrapõem à cooperação, o que evidencia a riqueza da prática e da disseminação desse tipo de atividade.

Na parte seguinte, foram evidenciadas argumentações, visões e referências que baseiam os pensamentos e ideais de Fábio Otuzi Brotto e Marcos Miranda Correia, as maiores referências quando trata do tema dos Jogos Cooperativos no Brasil.

Os periódicos escolhidos para busca dos artigos foram a Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Revista Pensar a Prática e Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte. O critério de escolha foi o grande número de publicações voltados para o âmbito escolar. Como estratégia de pesquisa dos artigos publicados, foi utilizado o site de buscas dos periódicos, com os termos: Competição, Cooperação, Jogos Cooperativos, Brotto e Correia.

Capítulo 1 – Jogo e suas diversas contribuições

1.1 – Jogo e seus contextos

Os jogos e brincadeiras realizados na fase infantil e em todo o desenvolvimento inicial dos indivíduos foram, por muito tempo, vistos apenas como atividades de diversão e distração para as crianças, sem efeitos significativos sobre o comportamento. Com o aprofundamento de estudos e ao se observar a relação entre suas influências e efeitos dessas atividades, iniciou-se um processo de valorização da sua importância para as várias fases do desenvolvimento humano, ocorrendo inclusive uma dificuldade na fundamentação completa das teorias. Segundo Friedmann (1996):

O jogo tem se tornado objeto de estudo sob diversos aspectos dando lugar a diversas definições. Até hoje não existe uma teoria completa do jogo nem ideias que são admitidas por todos, mas inúmeras teorias que são úteis para análise de estudo mediante ao comportamento lúdico. (Friedmann, 1996, p.22)

O jogo tem se tornado um tema de crescente pesquisa. Ocorrem avanços na forma de conceituar, na interação dos métodos e seus resultados, acompanhados de contradições conceituais e metodológicas. Existem defensores das atividades lúdicas que foram um diferencial na prática educacional, tornando o aprender uma forma prazerosa e permanente. Segundo Adriana Friedman (1996), sobre o jogo:

“O jogo tem se tornado um tópico de pesquisa crescente, ocorreram avanços na forma como ele é conceituado e na busca de resultados nos métodos que levaram essas pesquisas à prática e as tornaram mais respeitáveis cientificamente. As contradições conceituais e metodológicas perduram. Porém, tem sido alcançado um movimento que promete expandir e fomentar os conhecimentos a respeito da atividade lúdica, oferecendo, conseqüentemente, informações que irão influenciar a prática educacional de forma significativa”. (*idem*, p.20)

Com toda a visão que foi se modificando com o passar dos anos acerca dos Jogos e brincadeiras, passou-se então a ter um maior cuidado com as características envolvidas e principalmente no formato de aplicação desses jogos na visão de dar a oportunidade de um maior desenvolvimento e experiência acerca das diversas vivências que passaram a ter, principalmente no âmbito educacional.

Tal reflexão passou a ter uma maior relevância quando a vivência e as experiências passadas pelos indivíduos nos diversos jogos passaram a mostrar uma grande relação com problemas e solução de situações do dia-a-dia. Como diz Brotto (2002):

“A convivência é uma condição inexorável da vida cotidiana. Na medida que melhoramos a qualidade de nossas relações interpessoais e sociais, aperfeiçoamos nossas competências para gerar soluções benéficas para problemas comuns e aprimoramos a qualidade de vida na perspectiva de melhorá-la para todos. (Brotto, 2002, p. 02)

As diversas experiências envolvidas com o jogo não têm relação apenas com o resultado em si, mas também com os diversos sentimentos e relações internas que os participantes apresentam. Podemos dizer que cada indivíduo tem sua relação pessoal com as diversas experiências perpassadas pelas suas vivências e oportunidades ocorridas durante a vida, e o jogo, por envolver um nível de tensão e relação interpessoal alto, apresenta uma série de oportunidades que geram no aluno reações diversas, ocorridas nos jogos. Como diz Huizinga (1996):

“O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da "vida cotidiana".” (Huizinga, 1996, p. 33)

1.2 O jogo no contexto da educação

A escola é elemento crucial de transformação da sociedade; sua função é contribuir, junto com outras partes da vida social, como família e comunidade para que transformações se efetivem. Nesse sentido, o trabalho da escola deve considerar os educandos como seres sociais e trabalhar juntamente com elas no sentido de que sua participação na sociedade seja de forma integrada e construtiva.

Sob esse prisma, a educação deve considerar o contexto socioeconômico e cultural do aluno, reconhecendo as diferenças existentes entre os indivíduos, e considerando valores e experiências que trazem de seus respectivos contextos. Com isso, é possível propiciar um desenvolvimento integral e

dinâmico para os aspectos cognitivo, afetivo, linguístico, social, moral e físico-motor. A educação de forma integral e relacionada ao alto nível de importância quando se trata do desenvolvimento não só cognitivo dos indivíduos em que ali estão presentes, mas toda uma soma de experiências, vivências e relações existentes deve instrumentalizar os educandos de forma a tornar possível a construção da sua autonomia, criatividade, responsabilidade e cooperação, atuar no mundo de maneira positiva.

Friedmann (1996) vai de encontro com a ideia do aprendizado como forma de compartimentos, podendo ser trabalhado vários aspectos que trazem um grande número de aprendizados e vivências, que deve ser visto não só como algo direto, mas com um prisma que envolve as diversas experiências vividas nessas atividades e a vida:

“Tomando como base a concepção da criança como ser integral, constata-se que as atividades que as crianças estão realizando na escola tem um tratamento compartimentado: uma hora determinada para trabalhar a coordenação motora, outra para trabalhar a expressão plástica, outra para brincar sob a orientação do professor, outra para a brincadeira não-direcionada e assim por diante. Essa divisão não vai ao encontro da formação da personalidade integral das crianças nem de suas necessidades. Os indivíduos necessitam construir sua própria personalidade e inteligência. Tanto o conhecimento o senso moral são elaborado pela criança, em interação com o meio físico social, passando por um processo de desenvolvimento. Em relação ao conhecimento é importante fazer compreender conteúdos aos conhecimentos gerais das crianças seus interesses e suas necessidades e desafiar sua inteligência. ” (Friedman 1996: 54,55).

Em relação ao desenvolvimento moral dos indivíduos “as crianças constroem geralmente seu próprio sistema de valores morais, baseado em sua própria necessidade de confiança com os outros, nesse processo acontece sua construção interior”. (Friedman, 1996, P.55). Por meio da construção autônoma, forma-se uma boa concepção de si, um ego íntegro e uma autonomia que sustente sua realidade interior.

Formar indivíduos sensíveis, criativos, com espírito de criar, inovar e saber distinguir o que está provado e do que não está, deve ser o principal objetivo da educação. Para isso é preciso desenvolver conteúdos afetivos e cognitivos do educando. Deve-se encorajar sua autonomia e o pensamento crítico independente.

A aprendizagem depende em grande parte da motivação, que guardam conexão com as necessidades e os interesses da criança. Ser ativa, independente, curiosa, ter confiança na sua capacidade de construir com sua própria ideia, exprimir com confiança seus próprios pensamentos e desejos, isso tudo faz parte de uma personalidade integral.

Para concretizar a ideia de que a criança é um ser integral, é preciso definir objetivos claros que levem em conta os interesses e necessidades dos educandos. Essa metodologia deve levar em consideração a realidade de cada grupo de criança, a partir de atividades que constituam desafios e sejam ao mesmo tempo significativos e capazes de levar a criança à descoberta da criatividade e da criticidade.

O simples aplicar de atividades e deixar com que as crianças realizem, sem determinar ali objetivos, nem que seja por meio de vivências e experiências, leva os alunos a terem suas diversas interpretações sem um norte, sem abrir a possibilidade de criarem em si experiências e momentos positivos, de riquezas por não enxergarem a situação por intermédio do olhar e da vivência interior da criança.

O jogo passa a ser reconhecido como uma estratégia ou mais uma alternativa para o processo de construção de uma educação integradora, mas sua utilização não exclui outros caminhos metodológicos.

“O jogo não é somente um divertimento ou uma recreação. Não é necessário provar que os jogos em grupo são uma atividade natural e que satisfazem à atividade humana; o que é necessário é justificar seu uso dentro da sala de aula. As crianças muitas vezes aprendem mais por meio dos jogos em grupo do que de lições e exercícios. (Friedmann, 1996; p.35).

O desejo de trazer o jogo para dentro da escola é uma possibilidade de pensar a educação numa perspectiva criadora, autônoma e consciente. Por meio do jogo não somente abre-se uma porta para o mundo social e para cultura infantil, mas é também uma maneira de incentivar o seu desenvolvimento. A ideia de aproveitar o jogo como alternativa metodológica não descarta os outros métodos.

Deve-se trabalhar o jogo de uma maneira consciente em relação ao caráter do prazer e ludicidade que ele tem na vida dos indivíduos ali praticantes.

Esse é um componente básico; se deixar de existir, perde o sentido da utilização, pois o intuito principal é resgatar a atividade lúdica, sua espontaneidade e, junto com ela, sua importância no desenvolvimento integral dos educandos.

O jogo oferece importante contribuição para o desenvolvimento cognitivo, dando acesso a mais informações, experiências, vivências, relações interpessoais com as diversas características do outro, tornando assim mais rico o conteúdo do pensamento infantil. Paralelamente, o jogo consolida habilidades já dominadas pelo educando e a prática em novas situações.

Deve-se destacar as interações sociais de uma criança com outras ou com adultos no processo de construção do conhecimento. Nessa interação e pela experiência social, a criança tem acesso à cultura, aos valores e aos conhecimentos historicamente criados pelo homem.

No jogo, a criança tem experiências nas convenções estipuladas pela sociedade, e o poder de decidir se aceita ou não essas convenções, promovendo seu desenvolvimento social. O jogo oferece, muitas vezes, a possibilidade de aprender sobre as diversas soluções de conflitos, negociação, lealdade, estratégias e interação com os outros indivíduos do meio.

Os padrões sociais praticados durante o jogo refletem interações sociais que as crianças irão usar mais tarde nos seus encontros com o mundo e nas diversas dificuldades que irão enfrentar. Brotto (1999) ressalta que, por meio dos jogos, as crianças adquirem uma diversidade grande de aprendizados quando se trata das relações pessoais como foco. Na vida passamos por uma diversidade grande de interações e decisões que precisamos muitas vezes realizar sozinhos, sem a participação do outro, mas quando se envolvem outras pessoas, visões, pensamentos, formas de ver a vida, essas decisões se tornam mais complexas. O autor defende que as práticas de vivências com os jogos ajudam e tornam essas decisões mais naturais e fluidas.

1.3 Jogos na Educação Física Escolar

Um dos requisitos dos parâmetros curriculares nacionais para a primeira fase do desenvolvimento é que os alunos sejam capazes de organizar autonomamente alguns jogos, brincadeiras ou outras atividades corporais simples. Sabe-se que, ao ingressar na escola, o educando já tem uma série de

conhecimentos sobre movimentos, corpo, fruto de suas próprias experiências e vivências sozinho e em grupo.

Com a vivência do dia-a-dia na escola, pode-se perceber que as crianças, ao terem maiores oportunidades de vivenciar as brincadeiras e jogos, têm mais experiências, diferente daquelas que não tiveram o cotidiano de brincar e conviver com outras crianças, explorar diversos espaços, o que provavelmente restringiu suas competências pessoais. Entretanto, tendo ou não experiências, a escola é um espaço novo, onde terão que trazer um novo significado aos seus movimentos e atribuir-lhe novos sentidos além de realizar novas aprendizagens.

É importante trabalhar com o repertório que leve ao aluno a sua realidade, partindo de experiências vividas, além ter acesso a vivência que não teriam fora da escola. Essa diversidade de experiências precisa ser considerada pelos professores quando organizam atividades que vão ao encontro das reais necessidades dos alunos.

Para Lopes(2005):

O professor pode adaptar o conteúdo programático ao jogo, por exemplo: se a proposta do jogo é para tabuada, o professor pode utilizar a mesma proposta para as quatro operações matemáticas ou ainda para treino ortográfico, e assim por diante. Cada jogo proposto traz a descrição do material, sugestões para a confecção e para o conteúdo a ser trabalhado, o que pode ser trabalhado nas áreas motora, número de grupos e elementos por grupo (Lopes, 2005: 23).

Na primeira fase, os alunos têm grande necessidade de se movimentar e estão se adaptando às exigências de períodos mais longos de concentração em atividades escolares. Entretanto, fora do horário do intervalo, a aula de Educação Física é muitas vezes a única situação em que se tem essa oportunidade de criar vivências, sejam elas positivas ou negativas com os outros alunos e indivíduos ali presentes. Essa ansiedade muitas vezes torna difícil o andamento da aula. Fazer alunos compreenderem que organização, atenção ao professor, distribuição dos materiais, organização em grupos fazem parte do processo de ensino e aprendizagem. Tomar todas as decisões pelos alunos ou deixá-los totalmente livres para resolver tudo não contribui para construção da autonomia.

Todas as crianças sabem pelo menos uma brincadeira ou um jogo que envolva movimentos. Esse repertório vem de fontes familiares que devem ser

compartilhados na escola, valorizados e acolhidos, para que o aluno sinta que sua contribuição positiva ajuda na sua adaptação a novas situações.

“A Educação Física escolar deve dar oportunidade a todos os alunos para que desenvolvam suas potencialidades, de forma democrática e não seletiva, visando seu aprimoramento como seres humanos. Nesse sentido, cabe assinalar que os alunos portadores de deficiências físicas não podem ser privados das aulas de Educação Física.” (PCN, 1997, p.24)

Nas aulas de Educação Física, as crianças estão muito expostas: nos jogos, brincadeiras, desafios corporais entre outros, ficam analisando o desempenho e já são capazes de realizar tanto a auto avaliação como a avaliação dos pares. Não leva muito tempo para que descubram quem são os que têm mais familiaridade com o jogo ou brincadeira. Por isso deve-se ter cuidado com discriminações que possam ocorrer, pois muitas das vezes seu é efeito irreduzível. Nesse sentido, faz parte da função dos educadores dar oportunidade a todos os participantes, para que as diferentes competências sejam valorizadas e respeitadas.

Os jogos e atividades de ocupação de espaço devem ter lugar de destaque nos conteúdos a serem ministrados pois permitem que se amplie as possibilidades de se posicionar melhor, compreender deslocamentos, construir na mente representações de espaço, ter referência seu próprio corpo, apresentar situações que podem ser resolvidas de forma individual ou em grupo.

“A imagem do corpo representa uma forma de equilíbrio entre as funções psicomotoras e a sua maturidade. Ela não corresponde só a uma função, mas sim a um conjunto funcional cuja finalidade é favorecer o desenvolvimento.” (LE BOULCH, 1982; p.117).

Vale salientar que nas fases iniciais de desenvolvimento dos alunos, deve-se priorizar o máximo de experiências possíveis entre os alunos, levando assim ao aluno criar um maior número de aprendizados sejam eles sociais, experimentais, cognitivos, motores, de socialização. O importante é trabalhar jogos e movimentos com os alunos.

1.4 - Jogos Cooperativos no Brasil

O tema dos Jogos Cooperativos hoje tem seu lugar no meio acadêmico quando se trata de produções e publicações, principalmente nas áreas da Educação Física, Pedagogia, Psicologia do Esporte e Educação.

Para chegar ao patamar atual, foi realizado um largo trabalho de vários anos por parte de estudiosos de diversas áreas de estudo. O trabalho não foi só em relação a número de publicações ou produções acadêmicas, mas envolveu projetos, outros profissionais da área, inclusão do assunto e do modo de pensar em importantes locais e palestras e etc. Também foi marcado por muitas dificuldades de apresentar uma nova proposta que até então a população não estava acostumada, além de implantar essa novidade como uma proposta melhor, mais eficiente e indo ao encontro de vários paradigmas vividos à época.

Nesta parte do trabalho será apresentado o início do tema dos Jogos Cooperativos no Brasil, principais referências e atores mais importantes pela disseminação do assunto no país. Inicialmente, vamos abordar o capítulo do livro do Fábio Brotto “Jogos Cooperativos: O Jogo e o Esporte como um Exercício de Convivência”, com relevantes reflexões sobre trabalhos, publicações e programas realizados no país até o ano da publicação do livro, o que fizeram desse tema uma importante área de estudo e intervenção pedagógica no nosso país.

Para dar início ao detalhamento, precisamos falar do pesquisador Terry Orlick. Orlick, PhD em psicologia do esporte, pioneiro quando se trata de assuntos relacionados aos Jogos Cooperativos no mundo. Correia (2006) ressalta que o autor é o ‘mais destacado arqueólogo dos jogos cooperativos’. Brotto (2002) afirma que Orlick “é um dos mais conceituados pesquisadores sobre o Jogo e suas interfaces com o desenvolvimento social e cultural da humanidade” (Brotto, 1999, p.27). Orlick fez estudos importantes por diferentes sociedades, povos e culturas principalmente ancestrais, tais como, na China, Austrália (Aborígenes), Alaska (Esquimós), Canadá (Inuits) e Nova Guiné (Arapesh).

Na realização dos diversos estudos de Orlick por essas culturas, há registros acerca do comportamento daqueles povos e daquela sociedade em relação as várias questões cotidianas, principalmente da relação e visão que um

indivíduo tem em relação ao outro em seus vários contextos sociais. A observação sobre Jogos Cooperativos surgiu da preocupação de Orlick com a valorização intensa que os povos modernos davam e ainda dão à competição. Brotto (1999) diz que “Temos competido em lugares, com pessoas, em momentos que não deveríamos, e muito menos precisaríamos. Temos agido assim, como se essa fosse a única opção”.

Os estudos de Orlick não envolveram apenas a visão competitiva da nossa sociedade e o contexto histórico que essas relações competitivas foram se construindo em contexto social, mas fez um largo estudo envolvendo o jogo e as diferentes relações entre povos e culturas. Correia (2006) diz:

“A arqueologia e a sistematização feitas por Orlick (1989) mostram que os jogos perpetuados por determinadas sociedades refletem e repassam valores éticos, culturais e morais.” (Correia, 2006, P. 153)

A partir disso, apresenta os jogos cooperativos como uma “alternativa de atividade física essencialmente baseada na cooperação, na aceitação, no envolvimento e na diversão, tendo como propósito mudar as características de exclusão, seletividade, agressividade e de exacerbação da competitividade predominantes na sociedade e nos jogos tradicionais.”

Dando início à entrada do tema no Brasil, Brotto (2002) fala do chamado “movimento mundial”, que trouxe um conjunto de movimentos, criações e situações que deu início ao desenvolvimento das tecnologias e da conexão entre várias culturas. O tema, então, passou a chamar atenção de pesquisadores brasileiros, especificamente de Fábio Brotto, que impulsionou a integração dos jogos cooperativos entre nós.

As primeiras ações envolvendo Jogos Cooperativos no Brasil começaram a partir de 1980, quando Brotto (1999) salienta a importância do tema, visto ter observado crescimento significativo em pesquisas e produções tanto na área científica como acadêmica, observando assim a necessidade de abranger a visão dos jogos cooperativos dentro da prática esportiva no Brasil. A partir desse momento algumas ações localizadas começaram a integrar esse movimento no Brasil.

Na obra “Jogos Cooperativos: O jogo e o esporte como um exercício de convivência” publicado em 1999 e revisado em 2002, Fábio Otuzi Brotto faz uma trajetória de desenvolvimento dos principais projetos e publicações sobre o

assunto no Brasil até aquela época. Esta linha de desenvolvimento nos leva a um maior entendimento do que foi a introdução dos jogos cooperativos em uma visão didática de um educador físico em sua prática diária.

Em 1980, é possível dizer que houve o marco inicial da aplicação de ideias cooperativas no Brasil, introduzidas com a criação da Escola das Nações em Brasília. A instituição de ensino traz uma peculiaridade, que é o fato de que grande parte dos alunos serem filhos de embaixadores de todo o mundo, o que resulta em uma grande variedade de culturas, línguas, religiões e raças. Esse fator inicial foi um desafio para as relações que seriam criadas dentro da instituição a partir da vivência escolar. (Referência: <https://www.escoladasnacoes.com.br/sobre-n-s>)

Além da diversidade, a escola carrega consigo o pensamento filosófico, considerado o regente da instituição, que é a Educação para a Paz, juntamente com o pressuposto pedagógico de aprendizagem cooperativa. Levando em consideração os dois pressupostos, observou-se dentro das atividades cooperativas por meio dos Jogos Cooperativos uma oportunidade de integração dos alunos de forma desafiadora, porém sem competitividade, a fim de aproximá-los independentemente das suas diferenças culturais. Os jogos, então, foram estimulados e aplicados na escola, o que reflete no comportamento cooperativo das crianças e no cumprimento do pressuposto da escola, que viu nos jogos cooperativos uma oportunidade de agregar os alunos e ensiná-los uma visão não competitiva dentro das atividades desenvolvidas no âmbito escolar.

Apesar de tais ações inaugurarem o pensamento e a prática, o foco mais acadêmico em relação a publicações foi apenas em 1989, com a publicação pela editora Círculo do Livro, de São Paulo, o livro “Vencendo a competição” de Terry Orlick. O livro foi um marco muito importante para o contexto dos Jogos Cooperativos no Brasil pois até então não existia nenhum movimento e estudo sobre o assunto, dando assim uma série de evidências e de informações diferentes acerca do assunto, além de provavelmente trazer uma visão que até então os brasileiros não tinham sobre esse tipo de atividade, da competição e das relações que os jogos tinham com uma diversidade de aspectos culturais e da sociedade.

Em 1990, Fábio Brotto esteve no III Simpósio Internacional de Psicologia do Esporte, que aconteceu em Belo Horizonte-MG, realizando uma importante

apresentação com o tema livre: “Competir ou cooperar, qual a melhor jogada? ”. A visão da competição que Brotto trouxe e traz em suas palestras, era uma visão que não tinha uma reflexão e idealização muito grande na época por sempre parecer ter sido e visto como algo muito natural e do próprio ser humano, como será falado mais ao decorrer deste trabalho. A apresentação foi muito importante naquele momento pois por meio da discussão e apresentação de dados e estudos que estavam acontecendo fora do país, principalmente com alguns dados já registrados por Orlick, despertou em muitos a curiosidade do assunto, levando assim como resultado a produção de outras publicações e a realização de programas em Jogos Cooperativos.

Em 1991, estava sendo iniciado na Universidade de São Paulo (USP), pelos professores Jofre Cabral de Menezes e Fábio Brotto, um programa semestral de Jogos Cooperativos aberto a toda comunidade universitária. Esse projeto foi iniciado no Centro de Práticas Esportivas da USP (CEPEUSP), criado em 1975, após a extinção da Divisão de Esportes. (Referência: www.cepe.usp.br)

O objetivo do programa não fugiu do que Brotto já acreditava, pois, o participante deveria ao finalizar o programa, ser capaz de ter uma reflexão sobre a visão cooperativa e a visão competitiva de jogo e vida. O programa visava proporcionar aos participantes uma vivência de Jogos Cooperativos como uma prática capaz de transformar o comportamento competitivo em uma alternativa cooperativa potencializando as habilidades humanas essenciais como: alegria, entusiasmo, bom humor; criatividade; autoestima; confiança mútua, respeito pelas diferenças. Referência: (CEPEUSP). (“O Programa de Jogos Cooperativos no CEPEUSP. Uma avaliação” [Katia M. Alves Barata - Sheila A. P. Santos Silva - Fábio Otuzi Brotto](#) (Brasil) <https://www.efdeportes.com/efd13/jogos.htm>)

Em 1992, foi criada uma organização de grande importância para a disseminação do pensamento cooperativo no Brasil e que existe ainda hoje chamado de Projeto Cooperação – Comunidade de Serviços. Como diz no site da organização “A ideia de espalhar a cooperação pela Terra foi sonhada pela primeira vez, por Fabio Otuzi Brotto, co-fundador do Projeto Cooperação, em 1991. Depois de bons ensaios, o Projeto Cooperação nasceu em 1992, em Santos (SP), durante Oficina Aberta de Jogos Cooperativos. ” (Referência: <https://projetooperacao.com.br/quem-somos/>)

Para a criação da organização, Brotto contou com Gisela Sartori Franco, Psicóloga pela PUC de Campinas, Mestre em Ciências do Esporte e Especialista em Psicologia do Esporte. Juntos, criaram a organização que tem por objetivo principal a difusão dos Jogos Cooperativos e da ética da cooperação. Para isso, a organização oferece por meio de seus serviços oficinas, palestras, eventos, publicações, produções de materiais didáticos e atualmente consta inclusive com pós-graduações em Jogos Cooperativos e pedagogia da cooperação. O projeto é de suma importância quando tratamos da disseminação do ideal da cooperação no Brasil pois até então não existia formalmente nenhuma instituição que tratava do assunto.

O Projeto Cooperação, com o apoio de instituições parceiras, realiza também de 18 em 18 meses desde 2015, um dos principais eventos envolvendo o assunto cooperação e Jogos Cooperativos no Brasil, o Festival Internacional da Cooperação (FICOO). Como diz no site do Festival, o FICOO tem como objetivo principal “reunir pessoas e organizações para compartilhar conhecimentos e experiências a respeito da prática da cooperação em empresas, escolas, governos, ONGs, comunidades e cidades.” (referência: <http://ficoo.org/historia-ficoo/>). Com o aumento dos estudos, publicações e projetos com o tema, o festival se torna extremamente importante, uma vez que reúne palestrantes e estudiosos do assunto do Brasil e do mundo para estarem discutindo, dialogando e pensando sobre o assunto.

Em 1993, o IV Congresso Holístico Brasileiro, realizado em Salvador – BA, promoveu pela primeira vez um evento com porte nacional: a “Oficina de Jogos Cooperativos”. Na ocasião, foi realizado também o II Encontro Nacional Holístico de Crianças e Jovens e a I Conferência Internacional de Reitores e Educadores para a Paz e o Meio Ambiente que recebeu aproximadamente mil participantes. Sua temática principal estava relacionada com o corpo, a arte e o conhecimento sobre consciência e sabedoria sapiencial. (Referência: <http://unipaz30anos.org/e-thi/historico/>)

No ano de 1994 foi divulgado pela editora Sinodal o segundo livro publicado no Brasil sobre o tema dos Jogos Cooperativos com o título “Jogos Cooperativos: teoria e prática” de Guilherme Brown em São Leopoldo – RS. O livro foi bastante relevante e grande referência para muitos trabalhos publicados

no Brasil. Brotto (2002) faz algumas menções sobre o autor e diz que Brown “têm contribuído através dos Jogos Cooperativos, para o processo de Educação Popular de adultos, na Venezuela e na Educação Infantil nos Estados Unidos, entre outros. ”

Além de Brotto, Correia (2006) relata que Brown inclui em suas produções uma perspectiva política de grande relevância para a proposta de Jogos Cooperativos e diz que:

“[...] ele vê a confiança e a comunicação como umas das principais características dos jogos cooperativos. Nesses jogos, é incentivada a participação de todos e a não-exclusão. Algumas dessas características são destacadas pelo autor da seguinte forma:

- libertam da competição, porque o interesse se volta para a participação, eliminando a pressão de ganhar ou perder produzida pela competição;
 - libertam da eliminação, porque procura incluir e integrar todos, evitar a eliminação dos mais fracos, mais lentos, menos habilidosos etc.;
 - libertam para criar, porque criar significa construir, exigindo colaboração. Permitindo a flexibilização das regras e mudando a rigidez destas, facilitam a participação e a criação;
 - libertam da agressão física, porque buscam evitar condutas de agressão, implícita ou aceita, em alguns jogos
- “ (Brown, apud Correia, 2006, P. 157)

Em 1995, foi realizado pelo Centro de Práticas Esportivas da USP (CEPEUSP) a “I Clínica de Jogos Cooperativos”, segundo Brotto (1999) “com o intuito de reunir estudos e experiências realizadas no Brasil”. Esta clínica foi importante na época para ter uma ideia real e registro de todos os trabalhos e artigos que tinham sido, e os que ainda estavam sendo, realizados e publicados no país. Esse dado é importante pois dá algumas informações da proporção que o tema tinha chegado até então no país, além de ter registro dos principais autores que estavam trabalhando na época com o assunto. Além dessa clínica, foi lançada simultaneamente também a “Rede de Jogos Cooperativos” que consistiu um projeto que incluía as principais obras, trabalhos e programas em um sistema onde os próprios autores adicionavam para manter registrando os trabalhos realizados na área, sendo assim, de suma importância para manter os registros da área em um único local.

No mesmo ano de 1995, aconteceu um fato muito importante para a disseminação e divulgação do tema no país: a primeira produção de autoria nacional sobre o Jogos Cooperativos. Livro com autoria de Fábio Brotto e com o título “Jogos Cooperativos: Se o importante é competir, o fundamental é cooperar.” O livro marcou tanto o início das produções no país sobre o assunto, quanto o início de uma grande jornada de Brotto em suas produções, com mais livros, artigos e publicações anos depois.

Ainda em 1995, foi criado pelo então Instituto Nacional para o Desenvolvimento do Esporte (INDESP), que logo após se tornaria Ministério do Esporte e Turismo, denominado posteriormente Ministério do Esporte, lançou um projeto chamado “Programa Esporte Educacional” que utilizava dos Jogos Cooperativos como uma das pedagogias do programa. Além da utilização dos Jogos Cooperativos nas práticas e atividades do programa, o livro de Brotto “Jogos Cooperativos: Se o importante é competir, o fundamental é cooperar”, que fora publicado no mesmo ano do lançamento do projeto, foi utilizado como uma das referências teóricas do programa, além de outras obras que abordavam o tema dos jogos cooperativos. O Programa Esporte Educacional foi de suma importância para a disseminação do ideal e das práticas dos Jogos Cooperativos, pois, sendo um projeto que atuava diretamente nas escolas públicas do país, fez com que logo cedo os ideais principais dos Jogos Cooperativos fossem implementados para os jovens estudantes do nosso país.

Em 1996, segundo Brotto (2002), o Projeto Cooperação realizou uma parceria com o grupo canadense Family Pastimes. O grupo Family Pastimes tem como especialidade a idealização e confecção de jogos de tabuleiro utilizando especificamente abordagens da cooperação, com brincadeiras e interação entre os participantes, para se chegar a um objetivo final. Até então existia já no país uma boa implementação dos Jogos Cooperativos como alternativa aos jogos esportivos, mas até então não era de conhecimento dos brasileiros jogos de tabuleiro em que não existisse a competição. A parceria teve então como objetivo pensar, idealizar e lançar Jogos Cooperativos de tabuleiro que tivessem características do Brasil, e então, foram lançados o “Jogo da Terra” e “Lugar Bonito”, sendo então marcado como os primeiros Jogos Cooperativos de Tabuleiro produzidos no Brasil.

Em 1996, a Psicóloga do Esporte Gisela Sartori Franco aplicou os Jogos Cooperativos como fundamento principal de seu trabalho na preparação psicológica da equipe de vôlei feminino da BCN – Guarujá.

Gisela em sua dissertação de mestrado pela Universidade de Campinas (2001) relata que “O trabalho desenvolvido para cada situação dessa é específico, personalizado, dependendo assim, das características e dos objetivos da própria equipe. O atendimento ao atleta, aos técnicos pode acontecer em momentos separados, ou dependendo da situação, ser trabalhado conjuntamente. Podemos relatar que sua experiência e trabalho com os Jogos Cooperativos na equipe de vôlei feminino da BCN - Guarujá gerou bons resultados pois segundo Brotto (1999), com o trabalho da Psicóloga do Esporte a equipe chegou a ser “vice-campeã brasileira e base da Seleção Olímpica daquele ano. ”

No ano de 1999, o SESC Taubaté em conjunto com o Projeto Cooperação, realizaram o “I Festival de Jogos Cooperativos – Um Exercício de Com-Vivência”. O evento obteve um grande número de pessoas, aproximadamente 300, tendo participantes não só do Brasil, mas de outros países da América do Sul.

Baliulevicius (2006) traz em seu artigo uma citação de Brotto falando sobre o evento, sua importância e quais resultados tais movimentos geram de retorno para a população e desenvolvimento de sociedade dizendo:

“[...] os programas na escola, na comunidade e nas organizações incluem “a realização de Jogos Cooperativos, preservando e nutrindo seus princípios originais, entre eles: Participação, Inclusão, diversão e Cooperação. “ (Baliulevicius, 2006, P. 62)

O festival contou com a presença de importantes autores e pensadores da área dos Jogos Cooperativos e da visão da cooperação como meio norteador de uma melhor sociedade. Uma das presenças importantes para o evento foi a de Guillermo Brown, autor do livro “Jogos Cooperativos: teoria e prática” publicado em São Paulo em 1994 pela editora Sinodial.

1.5 Competição X Cooperação

Podemos evidenciar que, em nossa sociedade, a competição é muito presente no nosso cotidiano. Essa mentalidade competitiva é inerente ao comportamento humano desde os primórdios. O que tratamos neste trabalho não é a exclusão da competição da realidade das interações humanas, mas as reais necessidades em determinados contextos que nem sempre requerem a competição, o que leva à existência de um vencedor e, conseqüentemente, um derrotado.

Trazendo toda a visão inicial sobre a competição e seu surgimento em nossa sociedade, levando em consideração principalmente como essa competição tomou um papel tão grandioso na nossa sociedade atual, Orlick (1978) vai trazer a reflexão acerca da ideia de o ser humano ter ligado a visão dos chamados “homens primitivos” a homens ferozes, sangrentos que tinham que lutar entre si e contra todos para conseguir sobreviver, retirando assim a partir dessa visão, toda a humanidade e visão de sociabilidade acerca dos outros existente nos indivíduos. Por outro ponto da mesma reflexão, as mesmas teorias têm como contrapartida o pensamento de que o “homem moderno” seria uma evolução dessa espécie, tratando assim como se boa parte dessas características tivessem sido extintas da realidade dos humanos.

Orlick (1978) ainda vai falar da necessidade que envolveu por muito tempo da competição entre os nossos antepassados não necessariamente ser realizada entre os próprios indivíduos em questão, mas sim em grande parte ser realizadas em prol de um objetivo comum entre os indivíduos, essa seria a grande diferença da competição que vemos hoje em nossa sociedade. A prática e uso da competição em questão era marcada por uma necessidade dos indivíduos de subsidiar necessidades vitais de sobrevivência, muito diferente da nossa realidade em que os indivíduos lutam entre si e passam por cima uns dos outros para conseguirem chegar a posições que o próprio ser humano criou em questões de sociedade.

A reflexão acerca do assunto vai a um patamar um pouco diferente quando tomamos como pensamento as evidências de que o homem primitivo precisou e utilizou muito da cooperação entre os indivíduos na realização de trabalhos compartilhados para conseguir, por exemplo, comida para todos, abrigo e a caça mesmo sendo necessária nas várias situações, ela quase nunca era realizada de maneira individual e sim em conjunto para um objetivo final em comum. Orlick traz ainda também a visão dessa individualidade “natural” por meio de seus estudos e evidências de outros autores como:

[...] “um conjunto amplo de evidências indicam que os homens pré-históricos, que viviam juntos, colhendo frutas e caçando, caracterizam-se pelo mínimo de destrutividade e o máximo de cooperação e partilha dos seus bens. A ideia de que os seres humanos evoluíram e sobreviveram graças somente à feroz e incansável competição e à agressividade não é apoiada pelos fatos.” (Orlick 1978, p. 17)

As discussões e visões acerca da competição e dos diversos resultados gerados por ela quando pensamos na perspectiva de sociedade, organização social, interações interpessoais, são inúmeras.

Nos tempos atuais essa mentalidade ainda se faz fortemente presente em quase todas as nossas vivências e relações, em que a busca por vantagens individuais nos leva automaticamente a um pensamento competitivo. No entanto, poucos param para pensar e refletir o quanto essas práticas competitivas influenciam a sociedade, tornando-a cada vez mais desigual e individualista.

Esse estilo de vida tem levado a muitas preocupações por toda a parte do mundo pois viver em um mundo onde ser melhor e superior ao outro é um objetivo de vida, tem feito as pessoas se afastarem cada vez mais umas das outras, além de criar todo um contexto de um número de pessoas que batalharam para serem os melhores e obtiveram sucesso, e um outro número maior ainda de pessoas que até as vezes batalharam bastante pra chegar na mesma posição, mas por qualquer motivo que seja não conseguiram, seja ele falta de motivação emocional, situações familiares, menos recursos e oportunidades. Todo esse número de pessoas, além de não chegarem na posição de sucesso, poderão ficar insatisfeitas, muitas vezes com traumas e

situações emocionais e psicológicas por não saberem lidar com a perda e frustração.

Sobre essa ligação direta com algumas questões e a fixação de um pensamento enraizado, Maturana (2002) ressalta que quando os indivíduos na atualidade têm a necessidade de defender um pensamento ou uma série de ações que em sua visão estão corretas, tendem a procurar diversas teorias e evidências já incorporadas para defenderem seus pontos, sem parar para refletir sobre a real origem desses fatos ou questionarem a sua existência. A tendência é tratarem tudo como algo certo apenas por pessoas acreditarem e terem evidenciado tais pensamentos, tornando-os assim verdade absoluta.

Em uma reflexão acerca do alto nível da competição em nossa sociedade e suas diversas reações, Correia (2006) fala sobre a grande preocupação que hoje toma proporção mundial e que diz respeito às relações sociais, políticas, econômicas, educacionais e até emocionais que o ser humano vem lidando e realizando ao longo da história.

Passando então do âmbito mais histórico do ser humano e seus instintos e passando para a realidade da competição no contexto educacional e principalmente da Educação Física, é fato que passou por um histórico inicial muito marcado pelos esportes de rendimento, tendo como função inicial trabalhar e preparar os alunos para as realidades do esporte, tentando com isso conseguir melhores resultados por parte dos atletas em competições.

Esse início muito marcado e evidenciado pela competição exacerbada foi dando ao longo do tempo um caráter para a educação física de seleção natural onde os indivíduos mais preparados motoramente e fisicamente alcançariam as melhores posições e melhores chances quando comparado com os outros “menos preparados” ou menos habilidosos.

Brotto (2002) vai falar sobre os jogos e atividades que foram sendo praticados pelos indivíduos em situações educacionais como uma forma crítica de que a grande maioria dessas realidades estavam de um modo geral trazendo os indivíduos uns contra os outros, tentando sempre chegar a uma melhor posição, mas para isso, tendo a necessidade de ser “melhor” do que alguém, quando essa não deveria ser o princípio dos jogos. Ele diz:

“Grande parte dos jogos são campos que estimulam o confronto ao invés do encontro. São situações capazes de eliminar a diversão e a pura alegria de jogar. Sendo estruturados para a eliminação de pessoas e para produzir mais perdedores do que vencedores, os jogos 65 tornaram-se um espaço de tensão e ilusão.” (P. 64)

Em uma análise sobre a competição no ambiente educacional e a naturalidade da mesma por parte dos jogos e situações rotineiras, Brotto (2002) trata a competição como algo que não é natural das relações humanas e sim “são comportamentos ensinados-aprendidos através das diversas formas de interação humana, notadamente, pela educação formal, não-formal e informal.”

Tomando como pressuposto todos os lados negativos envolvendo a competição e a forma de aplicação dos jogos com um fenômeno, Correia (2006) afirma:

“Quando se aceita o discurso da competição como um valor importante para a sociedade e se defende que a competição deve ser ensinada de maneiras mais sutis na escola, esquece-se que é estimulada uma cultura e uma ideologia direcionadas para a negação do outro nos espaços de convivência, diminuindo a sensibilidade às diferenças sociais, desrespeitando ou desvalorizando os trabalhos mais “simples” de outras pessoas e dando continuidade às políticas de exploração e dominação.” (Correia, 2006, P. 151)

Como estamos vendo com este trabalho, a competição foi algo que marcou e marca até hoje intensamente os nossos contextos de sociedade, levando então naturalmente aos meios educacionais.

Como uma forma e tentativa de contrapor essa competição exacerbada enraizada em nossa sociedade, os Jogos Cooperativos e o pensamento cooperativo irão aparecer como uma nova possibilidade de tratar os jogos e principalmente de trazer uma nova visão por parte de quem a pratica.

O pensamento cooperativo não se trata apenas de tratar de jogos sem competição, mas toda uma necessidade de criar experiências em que seja o foco inicial a vivência e experiências em que o jogo pode trazer em relação ao tratamento de uns com os outros.

Brotto (2002) vai falar que:

“A convivência é uma condição inexorável da vida cotidiana. Na medida que melhoramos a qualidade de nossas relações interpessoais e sociais, aperfeiçoamos nossas competências para gerar soluções benéficas para problemas comuns e aprimoramos a qualidade de vida na perspectiva de melhorá-la para todos” (P. 2)

Os Jogos que envolvem o tema e o objetivo da cooperação vão então aparecer na medida em que os alunos tenham a oportunidade de criar vivências mais ricas uns com os outros, aprendendo assim a conviver melhor entre os seus pares. O aprendizado se torna de importância muito maior quando pensada não só no âmbito do jogo em si, seus resultados e interações acontecidas no momento da prática, mas quando o aprendizado se dá com toda essa relação e experiência das diversas situações da vida cotidiana.

O fato de existir nos jogos cooperativos a oportunidade de interagir, socializar, conversar, discutir, tendo assim com isso tudo a oportunidade de conhecer e entender os outros indivíduos ali presentes, torna a opinião e visão de todos os participantes importante e relevante para chegar ao objetivo final, comum a todos.

Pelo fato de a competição e a realidade competitiva estarem muito presentes em quase todos os âmbitos da sociedade, mas também reais nos jogos, a inserção dos pensamentos cooperativos não seria nada fácil, uma vez que não era até então pensada e vista como algo normal por parte dos indivíduos. (Setúbal 1998) afirma que essas dificuldades na aplicação exigem trabalho de longo prazo por parte não só pelos profissionais que atuam na área da educação para se modificar um pensamento como este. Segundo a autora:

“[...] estimular e difundir práticas de solidariedade e de cooperação, o exercício da cidadania plena e a garantia e a ampliação dos direitos básicos. Isso exige profunda mudança de atitudes e de valores, no lugar do individualismo, calcado no consumismo irrestrito, que não soluciona nossos problemas.” (Setúbal 1998 apud Brotto 2002, p. 3)

Quando se traz o pensamento cooperativo em questão, a ideia não é pensar em indivíduos perfeitos e que trabalham todos harmonicamente entre si para todos alcançarem seus objetivos, mas sim um pensamento de que todos nós podemos, por meio das nossas vivências, experimentar de forma mais

saudável e natural a convivência, encurtando as distâncias já existentes. Brotto (2002) vai dizer que “o principal desafio para nós, me parece, é colaborar para construir pontes que encurtem as distâncias, diminuam as fronteiras e que aproximem as pessoas umas das outras”.

Capítulo 2 - Jogos Cooperativos de acordo com Brotto e Correia

Como já falado anteriormente neste trabalho, podemos dizer que Fábio Otuzi Brotto e Marcos Miranda Correia são os principais pensadores e escritores acerca do tema Jogos Cooperativos no Brasil. Em função disso, os autores foram escolhidos como principais referências para o presente trabalho.

Nesta parte do trabalho serão tratadas algumas referências dos artigos, livros e pensamentos que regem as principais motivações para esses autores abordarem o assunto. Apesar de ser mostrado todo o pensamento e visão dos autores em relação ao tema, será tomado como apoio principal de argumentação e defesa das ideias os principais livros de suas produções, sendo de Brotto o livro “Jogos Cooperativos: O Jogo e o Esporte como um Exercício de Convivência” e de Correia o livro “Trabalhando com Jogos Cooperativos – Em Busca de Novos Paradigmas na Educação Física.”

Fábio Brotto, como também já falado anteriormente neste trabalho, foi o responsável pelo primeiro livro sobre o tema dos Jogos Cooperativos publicado no Brasil, além de vários artigos, publicações e programas sobre o tema.

Tendo como contrapartida todos esses fatores, as principais referências responsáveis pelo embasamento de Brotto com certeza são externas, de autores de outros países que tematizaram o tema e a preocupação com essa realidade competitiva como: Terry Orlick, Guilhermmo Brown, Alfie Kohn e etc.

Tendo já como ponto de vista o autor Marcos Miranda Correia, o autor teve como principais referências e embasamento de suas teorias e pensamentos, não só os mesmos autores que fizeram publicações em outros países evidenciadas e tratadas por Brotto, mas Brotto também acaba se tornando uma de suas principais referências quando tematiza a relevância dos Jogos Cooperativos.

Levando este fator em consideração, Correia vai trazer em suas obras e pensamento uma perspectiva acerca dos Jogos Cooperativos, suas funções e

realizações muito parecida com as ideias e pensamentos trazidos por Brotto, podendo assim perceber uma pequena diferença nos pensamentos quando tratado as principais preocupações que levaram ambos os autores a pesquisarem, tratarem e evidenciarem o tema e a forma de aplicação em massa desses pensamentos por meio da educação.

2.1 Jogos Cooperativos de acordo com Fábio Otuzi Brotto

Brotto traz em suas obras a evidente preocupação com a forma com que as pessoas se comportam e tratam umas às outras em nossa sociedade. Essa preocupação é baseada em um fator que acabou se tornando característica da nossa cultura pautada em diversas práticas, relações e formas de agir uns com os outros que tinham quase sempre como objetivo final e principal a vitória ou uma forma de sair por cima de um indivíduo em relação ao outro.

Evidenciando esse fator e característica do individualismo mostrada a tanto tempo em nossa sociedade, Brotto (2002) defende que, por meio das diversas relações interpessoais, situações e problemas que passamos na vida com outros indivíduos, gera-se ali uma grande possibilidade de aprendizado por meio da interação social. Como diz:

A convivência é uma condição inexorável da vida cotidiana. Na medida que melhoramos a qualidade de nossas relações interpessoais e sociais, aperfeiçoamos nossas competências para gerar soluções benéficas para problemas comuns e aprimoramos a qualidade de vida na perspectiva de melhorá-la para todos. (Brotto 2002, pag 02)

Tendo em vista o pensamento de que as diversas vivências, experiências e momentos que vamos passando pela vida vão nos proporcionar aprendizados, nem que sejam meramente de socialização, Brotto traz algumas evidências de autores que vão relatar a grande importância que os Jogos e brincadeiras como fator relevante na criação de personalidades, costumes e formas com que os indivíduos lidam com o mundo:

“Gostaria de destacar, dentre as várias dimensões da convivência oportunizada pelo Jogo, aquela que nos permite aperfeiçoar a convivência com os outros existentes dentro de nós mesmos. Cuidar desse relacionamento íntimo, procurando conhecer, aceitar e dinamizar harmoniosamente os aspectos da nossa própria personalidade, é uma das principais atenções sinalizadas pelos Jogos Cooperativos, como iremos ver mais adiante. ” (Brotto 2002, P. 14-15)

Apesar de trazer os jogos e brincadeiras, levando em consideração seus diferenciados envolvimento com o desenvolvimento humano, fatores que são evidenciados principalmente na infância e nas fases do desenvolvimento inicial, o autor destaca que tais aprendizados vão além das fronteiras infantis. Tomando como base inicial de que o acúmulo de experiências e vivências serão fator primordial para o desenvolvimento de diversas formas de aprendizado, vai dizer:

“Por isso, o Jogo é tão importante para o desenvolvimento humano em todas as idades. Ao jogar não apenas representamos simbolicamente a vida, vamos além. Quando jogamos estamos praticando, direta e profundamente, um Exercício de Co-existência e de Re-conexão com a essência da Vida.” (Brotto 2002 P. 17)

Tomando como pressuposto as características e realidade da nossa sociedade, de levar a vida e tratar as relações interpessoais e ligando todos esses fatores à importância dos jogos e brincadeiras, Brotto afirma que os jogos cooperativos são poderosa ferramenta para mudança de uma realidade de uma sociedade.

O autor afirma que, possivelmente, a aplicação das ideias da cooperação e a conscientização da população acerca do tema, problematizando e colocando em questão todos os conflitos e confrontos gerados por esses diferentes momentos de competição existentes nas nossas realidades, as ideias da cooperação podem trazer uma grande mudança com o passar do tempo.

Ressalta também que os Jogos Cooperativos não são a chave para toda essa contextualização e realidade, mas sim uma das ferramentas de conscientização dos indivíduos acerca do tema, levando em consideração a grande importância e papel dos profissionais da área da educação. A participação de outros programas, momentos, experiências, aprendizados e principalmente referências advindas de qualquer parte dos profissionais envolvidos com a educação são extremamente importantes para tornarem toda essa realidade e visão diferentes.

Ele evidencia ainda uma referência de Orlick acerca do assunto, de que por meio dos Jogos Cooperativos e de vivências e momentos proporcionados por eles, podemos criar momentos em que a criação de uma relação pessoal com outros indivíduos se torna completamente diferente quando tomamos como

contrapartida o uso da cooperação como método de intervenção principal ou realização de um jogo. Citando (Orlick 1989):

“Gostamos das pessoas que cooperam conosco mais do que das pessoas que competem conosco (...). Quanto mais as pessoas tendem a gostar de nós, mais tendemos a gostar delas, e a cooperação parece ser a maneira de fazer a bola de neve crescer.” (Orlick apud Brotto 2002, P. 56-57).

Levando em consideração todas as possíveis mudanças acerca de toda uma sociedade, hábitos e culturas que o pensamento cooperativo pode proporcionar, ainda em Brotto (2002), traz uma lista dos que ele chama de “Habilidades de Relacionamentos”, que seriam então as responsáveis e fundamentais para a criação de uma boa relação interpessoal entre indivíduos:

- Explicitar uma Visão Compartilhada.
- Clarear propósitos individuais e construir Objetivos Comuns.
- Despertar e potencializar talentos e dons pessoais.
- Estabelecer Ações Cooperativas baseadas no respeito e confiança mútua.
- Sustentar a Comunicação Aberta.
- Assumir Co-responsabilidade pelo processo e resultados.
- Manter um ambiente de satisfação e prazer.
- Focalizar virtudes e qualidades.
- Equilibrar autonomia-assertividade com convivência-flexibilidade
- Vontade de continuar jogando e Re-Creando juntos ...” (P. 88)

2.2 Jogos Cooperativos de acordo com Marcos Miranda Correia

Em suas obras, o autor Marcos Miranda Correia mostra grande preocupação acerca da sociedade em que vivemos e as diferentes realidades existentes por parte das relações que os indivíduos estão criando uns com os outros.

Apesar de parecido com os pensamentos de Brotto, Correia não traz essa preocupação apenas na forma da humanização e de sofrimentos pessoais que relações de superioridade e individualismo vão gerando, mas um sentimento que toma proporção mundial, com riscos acerca da existência de forma geral.

Quando toma como contrapartida que possivelmente a continuação dessas práticas, vivências e formas de tratar uns aos outros podem gerar como resultado o fim de toda uma construção e evolução humana que foi realizada por séculos. Diz em Correia (2006):

“Se mantidas as concepções vigentes de civilização e de globalização, bem como os paradigmas éticos e científicos que as sustentam, crises e problemas dificilmente serão resolvidos. Com isso, correremos o risco de conduzir o planeta e a dignidade humana a condições próximas aos tempos de barbárie ou, até mesmo, de não termos futuro” (Correia 2006, P. 15)

O autor vai relatar em suas obras que a nossa sociedade e criação da nossa cultura chegou até aqui por motivo de poder de uns em relação com os outros, que nossa sociedade está intrinsicamente ligada a manifestações de poder, mas que é tão natural e enraizada que é tratada por todos como realidade e talvez única possibilidade real.

Tomando como relação a realização e repetição de certos hábitos não cooperativos e manifestações de falta de empatia uns com os outros, Correia vai tratar como características que foram integralizadas há muitos anos em nossa sociedade, com as diversas formas de dominação e que a sociedade foi vivendo com o passar dos séculos e os vários formatos de sociedade, aceitando tais realidades e perpetuando, pois, eram até então a forma que conheciam como realidade. Como diz ainda no mesmo artigo:

“A proposta é propagar um paradigma emergente, até então sufocado pela dominação e exploração capitalistas originadas, impostas e disseminadas pelos países europeus e atualmente exacerbadas pelos americanos” (idem, P.18)

Tendo como ponto de vista todas as questões de sociedade e cultura que foram sendo instituídas com o passar dos anos, Correia vê na escola uma oportunidade muito importante de mudança, tendo em vista que é ponto crucial quando tomada como objeto de transformação na vida dos indivíduos por parte dos docentes.

Aborda, ainda, em suas obras a importância dos profissionais da educação em todo o desenvolvimento dos indivíduos, não só com o desenvolvimento cognitivo, motor ou até social, mas apresenta por meio da

escola e da educação uma ferramenta primordial de oportunidade de conseguir gerar um desenvolvimento por parte de sociedade, culturas e costumes. Uma vez que as diversas possibilidades de aprendizados ocorridos na escola vão ter uma grande relevância na criação de diversos pensamentos, hábitos e comportamentos, comportamentos e hábitos esses que muito provavelmente serão repetidos quando na fase adulta.

Quando trata a questão da competição e cooperação, faz a relação da competição com todos os históricos e realizações no passado responsáveis para chegarmos onde chegamos em nível de individualismo, Correia (2007) vai dizer:

“Quando se aceita o discurso da competição como um valor importante para a sociedade e se defende que a competição deve ser ensinada de maneiras mais sutis na escola, esquece-se que é estimulada uma cultura e uma ideologia direcionadas para a negação do outro nos espaços de convivência, diminuindo a sensibilidade às diferenças sociais, desrespeitando ou desvalorizando os trabalhos mais “simples” de outras pessoas e dando continuidade às políticas de exploração e dominação” (Correia, 2007, P. 151)

A visão e preocupação de Correia acerca do alto nível de competição existente em nossa sociedade estão além dos pensamentos que envolvem os sentimentos pessoais com as práticas competitivas, o pensamento dele tange a ideia de que tais comportamentos e hábitos são ideias que estão na forma de os indivíduos enxergarem uns aos outros.

Levando em consideração o pensamento da forma de enxergar o mundo e os outros indivíduos e a relação que esse pensamento tem em toda a nossa vida e nas formas que vamos lidar com as situações da vida, ele vai trazer em seu livro uma citação de Brown (1995) falando sobre a influência que todo esse formato tem tido em todos os âmbitos sociais:

“A relação ganhador-perdedor não existe apenas no jogo. Também há entre patrão-empregado, rico-pobre, países desenvolvidos-países subdesenvolvidos. O patrão domina o empregado; o rico, o pobre. Nessa sociedade se reforça a relação de dominação, violência, destruição dos fracos pelos fortes. Poucos são os “ganhadores” e muitos, os “perdedores”. Do mesmo modo como se aceita normalmente que uma equipe ganhe de outra, também se aceita a dominação na sociedade. Acredita-se que aquele que ganha merece o triunfo, porque é mais forte.

Igualmente se aceita que o dono da fábrica está onde está porque soube esforçar-se e trabalhar (Brown, 1995, p. 16).

A forma que ele relata a visão de um indivíduo em relação ao outro vai muito das ideias, que para muitos nem existia mais e que estavam no passado, mas de dominação, de que a lei dos mais fortes prevalece, quando em sua visão não existe um indivíduo “mais forte” ou “mais capacitado” do que outros, e sim, que existe uma diversidade grande de indivíduos e que cada um com suas características individuais pode compor o jeito que souberem lidar com o mundo com o contexto em que estão.

Tomando toda essa relação de poder e dominação existente entre os indivíduos e as diversas relações, ele afirma que essa forma de lidar uns com os outros foi imposta, com o passar dos anos, e que os menos favorecidos tiveram que aceitar tais realidades, muitas vezes aceitando que eram mais fracos por acabarem acreditando em toda essa realidade imposta.

O pensamento crítico sobre essa relação se dá quando esses indivíduos menos favorecidos e ditos como vencidos vão tratar e levar as experiências de vida e de relação como uma forma jogo e de troca de poderes uns com os outros, quando não deveria ser esse o principal foco envolvido nas diversas relações interpessoais existentes na nossa sociedade. Como diz em Correia (2006):

“A questão da competição, em nossa cultura dita civilizada, não é apenas estabelecer e reforçar uma relação de dominação entre ganhadores e perdedores, mas a tentativa de justificar e banalizar tal relação. As classes e ideologias dominantes fazem com que as desfavorecidas ou exploradas aceitem a condição de dominadas como uma coisa natural, e fazem acreditar que um dia a situação possa ser revertida como em um jogo” (P.152)

O autor traz então como ponto de vista toda essa realidade das relações e formas de tratar uns aos outros, ligando a importância do sistema educacional e possibilidade de mudanças por meio de uma forma de educação mais pautada e evidenciada, não em trocas de poderes e de dominação, mas sim como um sistema igualitário, em que todos têm em si a oportunidade de mudarem suas realidades e serem importantes independentemente de suas características pessoais ou habilidades.

Correia vai trazer com toda essa realidade em mente os Jogos Cooperativos nas práticas educacionais não só como uma forma diferente de brincadeira sem competição entre indivíduos, mas como uma mudança de possibilidades, de visão de mundo dos indivíduos em relação aos outros, sejam elas no âmbito do jogo e da brincadeira em si, mas relações que vão se repetir em momentos na vida.

O relato do autor vai sempre seguir o rumo da mudança de realidades, colocando inclusive em evidência de que uma mudança como essas está inserida em todo um pensamento já pré-estipulado de sociedade e que envolve praticamente todas as visões, sejam elas nos jogos e brincadeiras, quanto no trabalho, na política, e todas as relações interpessoais existentes em nossa sociedade.

O autor vai falar sobre a dificuldade que tal tematização traria para aplicação, tendo em vista que os alunos e participantes presentes muitas vezes nem reconhecem a relação igualitária e sem competições como uma realidade, muitas vezes se mostrando uma proposta desinteressante, mas relata que é também nesses momentos que o profissional pode ter a oportunidade de conversar e questionar os alunos sobre a forma de enxergar as relações. Com diz ainda em Correia (2006):

“[...] nem sempre as atividades com jogos cooperativos são prontamente aceitas, mas que são uma boa oportunidade para se discutir com os alunos algumas relações e questões sociais surgidas nesse “confronto” entre uma proposta cooperativa levada pelo professor e uma realidade competitiva mais conhecida do aluno” (Correia, 2007, P. 151)

Finalizando então todo o pensamento e abordagem de Correia acerca do tema, o autor afirma que, independentemente das pequenas frustrações que podem ocorrer com o passar do tempo em relação à inserção de pensamentos mais cooperativos nos indivíduos, o importante é dar a oportunidade aos alunos para que vivenciem e reconheçam a diversidade de pensamentos em nossa sociedade, gerando pequenas sementes, que se multiplicam, trazendo para a realidade uma sociedade mais igualitária e com menos nível de competição, como diz:

“[...] não é possível afirmar que os jogos cooperativos podem mudar sozinhos a realidade competitiva de uma escola, sistema educacional e, muito menos da sociedade, no entanto admito a possibilidade de plantarem-se algumas sementes cooperativas, que podem

germinar e reproduzir novos frutos cooperativos. Mudanças sociais e educacionais consistentes processam-se lentamente. Os jogos cooperativos e a Educação Física escolar podem colaborar para as mudanças, mas a escola, os sistemas educacionais e as autoridades políticas terão de fazer a sua parte. ” (P. 160)

3 Capítulo – Análise das publicações nas revistas

Foi realizada análise acerca da tematização dos Jogos Cooperativos, com a abordagem da visão da cooperação em detrimento da competição, nas principais revistas que priorizam as realidades no meio escolar, considerando-se o número de produções e relevância das publicações a respeito do tema. Foram estudadas, então, as seguintes revistas: Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, Pensar a Prática e Revista Brasileira de Ciências do Esporte.

Vale ressaltar que a pesquisa envolveu tanto publicações favoráveis como contrárias ao tema, o que traz diversas linhas de raciocínio. Quanto às linhas contrárias, interessante é o argumento de uma sociedade utópica, perfeitamente harmônica, que não se enxerga no que vemos atualmente. Este fator não era esperado por este aluno quando iniciado o estudo, mas foi muito relevante levando em consideração a necessidade de buscar sempre entender as várias nuances sobre a abordagem do assunto.

3.1 Jogos Cooperativos nas aulas de Educação Física: e envolvimento dos alunos

Publicado em 2014 pela Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte pelas autoras: Zípora de Almeida e Costa Cruz, do Instituto Presbiteriano Mackenzie e Elisabete dos Santos Freire da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

O estudo consistiu em conjunto de intervenções pedagógicas em que a metodologia principal utilizada seria a dos Jogos Cooperativos por achar que:

“Os jogos cooperativos buscam novas formas de jogar, com o objetivo de diminuir as manifestações agressivas nos jogos, de maneira que sejam promovidas atitudes de sensibilidade, cooperação, comunicação, alegria e solidariedade. ” (P.110)

Tendo esse pensamento pautado nas referências de Brotto, Correia, Carnicelli Filho, Schwartz e outros, o estudo vai trazer as principais relevâncias do jogo e da aplicação dos Jogos Cooperativos no contexto escolar com objetivo de mudança de cultura e hábitos.

Reconhecendo a capacidade de por meio dos Jogos Cooperativos gerar resultados muito relevantes em relação à níveis de socialização, troca de experiências e visão menos individualista de uns em relação aos outros, o artigo vai relatar não só essa possibilidade de intervenção e metodologia, mas que:

“[...] o profissional da área de Educação Física tem várias formas de trabalhar atividades inclusivas, dando foco à interação social entre os alunos, pois em suas aulas está lidando com o ser em movimento, além da possibilidade de exploração.” (P. 111)

Apesar de defenderem ideias e visões acerca do tema dos Jogos Cooperativos e enxergarem como boa ferramenta para utilização no âmbito educacional, os autores fazem algumas críticas em relação à forma como essas intervenções e práticas estão sendo realizadas no meio escolar, trazendo como pressuposto que não necessariamente os professores têm em sua integralidade o entendimento real do que está passando no mundo da criança e que trazer momentos cooperativos de atitudes cooperativas não necessariamente vão ter um reflexo nos comportamentos fora do âmbito escolar.

Os autores enxergam que por muitas vezes alguns professores estão utilizando dos Jogos Cooperativos e das ideias cooperativas como metodologia de intervenção, mas não utilizando delas tão bem como modo de ensino e aprendizagem acerca do tema cooperação e todas as situações que envolvem e abordam esse tema. Como diz:

A forma como os jogos cooperativos são trabalhados em aulas merece uma discussão mais aprofundada. Ao se considerar a cooperação como um conteúdo de natureza atitudinal, é preciso discutir se a forma como os jogos cooperativos são aplicados leva a uma aprendizagem por submissão, por identificação ou por internalização (P. 111)

Partindo para os modos de aprendizagem por parte dos alunos que o autor tratou, defendem que a aprendizagem por submissão, que seria um modo

de aprendizagem de total responsabilidade do docente ou aplicador das atividades, torna assim uma ideia de educação imposta, que seria aplicada aos alunos, considerando-se apenas as ideias que o docente achasse adequadas à situação.

Trata da aprendizagem por identificação, que poderia ser tratada como a aprendizagem em que, por influências de boas relações e identificação com o tema ou intermediador, a criança tem a oportunidade de gerar um conhecimento e forma de aprendizagem, englobando então apenas as crianças que apresentam algum interesse ou pré-disposição para o assunto.

Será abordada por último a aprendizagem por internalização, que para o coletivo de autores, deveria ser a mais utilizada pelos docentes e aplicadores das metodologias e ideias dos Jogos Cooperativos. Para basear esse tipo de aprendizagem, trazem a referência de Tillman (2001) relatando que “para a internalização de atitudes e valores é fundamental que a criança tenha papel ativo na reflexão e escolha das ações a serem adotadas.”

Defendendo a ideia do papel ativo por parte dos alunos nas atividades adotadas, os autores defendem que para melhoria na forma de aplicação dos Jogos Cooperativos, buscando assim melhorar ainda mais os resultados das mesmas nas perspectivas desejadas, os professores devem se preocupar mais com a participação dos alunos nas atividades implementadas, dando a eles a oportunidade de escolha e argumentação acerca dos Jogos e Brincadeiras que serão aplicados, como vai dizer em:

“Para utilizar os jogos cooperativos nessa perspectiva, as decisões sobre qual jogo realizar e quais regras adotar devem ser tomadas pelos próprios alunos. Dessa forma, o professor ocupará o papel de mediador no processo, criando atividades que estimulem a reflexão e a identificação dos problemas existentes. Além disso, ele deve envolver os alunos na solução dos problemas identificados e na avaliação dos resultados obtidos” (P. 112)

Apesar das críticas em relação à forma como essa metodologia está sendo aplicada nas realidades do âmbito educacional por alguns docentes, os autores terminam mostrando que os Jogos Cooperativos obtiveram relevantes resultados e conseguiram por parte dos alunos com os trabalhos e

intervenções uma maior “presença da reflexão e do auto avaliação, fundamentais para a internalização da cooperação como valor. ”

3.2 - Atitudes Cooperativas de Docentes em Aulas de Educação Física nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

Publicado em 2015 pela Revista Pensar a Prática, tem como autores: Sheila Aparecida Pereira dos Santos Silva, da Universidade São Judas Tadeu em São Paulo e Inácio Inácio Brandl Neto, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

O estudo teve como objetivo realizar análise por meio de observações, questionários e entrevistas para compreender quais eram as metodologias de ensino aprendizagem que estavam sendo utilizadas pelas professoras dos anos iniciais do Ensino Fundamental na escola Marechal Cândido Rondon, no estado do Paraná. Essas observações então tomaram foco nas atitudes referentes às professoras regentes em relação aos alunos quanto à realidade e visão da cooperação. Era de interesse do estudo evidenciar se existiam naqueles contextos escolares, momentos voltados para a cooperação, contando inclusive com a quantidade de atitudes e situações criadas pelas professoras.

Para o estudo foram analisadas 54 aulas de três regentes do contexto escolar, analisando a cada aula toda a metodologia da professora para utilização das vivências, além de todos os comportamentos realizados pelos alunos e pela professora durante as aulas.

Trazendo embasamento dos contextos cooperativos e das ideias dos Jogos Cooperativos como forma de aplicação e suas possíveis importâncias, o texto traz como referência os textos já comentados de Brotto, Soler, Correia, Almeida, entre outros.

Houve por meio das argumentações acerca do pensamento cooperativo uma similaridade muito grande com as preocupações abordadas e trazidas por Correia (2007). Os autores vão relatar a preocupação que o pensamento competitivo e de individualismo podem gerar em nossa sociedade, entendendo que esses efeitos podem ser pensados em uma grande escala

quando vemos o nível de dominação que toda essa realidade pode tomar. Dizendo:

[...] os seres humanos só sobreviverão se estiverem aptos a cooperar, a ajudar uns aos outros, a serem abertos e honestos e se preocuparem com os outros e com as novas gerações e que, se quiserem sobreviver e ter melhor qualidade é preciso se afastar da competição exacerbada. ” (P. 126)

Tendo como referência toda essa realidade construída, os autores então apresentaram o pensamento cooperativo, como foco principal para a melhoria de diversos fatores ligados à educação e aprendizagem. Como diz:

“Assim, a cooperação é proposta como uma alternativa/tentativa de melhorar a aprendizagem, o convívio social, amenizar a violência, superar o egocentrismo da criança, e levam a escola a atender sua função de formação humana e de promover indivíduos-cidadãos” (P. 127)

Apesar de trazer como referência estudiosos que defendem as ideias cooperativas no âmbito educacional, os autores irão neste contexto trazer a necessidade de um melhor aprofundamento por parte dos profissionais e docentes acerca da tematização.

Como argumentação, defendem que existe sim uma tentativa e uma comoção por parte dos profissionais e do envolvimento da Educação Física escolar com toda a realidade atualmente imposta de competição e nível de sociedade, mas que existe em grande quantidade, por parte dos profissionais, “dificuldades para transpor suas intenções pedagógicas em ações didáticas”. Defende então que “isso destaca a importância dos processos de educação continuada e de apoio ao trabalho do professor como formas possíveis para minimizar tais dificuldades”

3.3 Competição E Cooperação: À Procura Do Equilíbrio

Publicado em 2013 pela Revista Brasileira de Ciências do Esporte, tem como autores o Dr. Hugo Rodolfo Lovisolo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Dr. Carlos Nazareno Ferreira Borges, da Universidade Federal do

Espírito Santo e Ms. Igor Barbarioli Muniz, também da Universidade Federal do Espírito Santo.

O estudo teve como objetivo realizar uma análise de toda a produção e tematização dos Jogos Cooperativos no âmbito educacional, realizando então de forma crítica uma relação com os contextos competitivos e suas reais dificuldades e realizações acerca do meio escolar.

O texto critica de forma veemente os pensamentos e visões propostas por Brotto, Correia e inclusive Orlick, relatando que tais pensamentos não passam de “falsas esperanças”, em que pautas pararam de ser em evidências e que se passaram por um pensamento utópico de realidade que se constrói de forma diferente.

Argumenta que os níveis de compreensão e reação por parte dos indivíduos acerca de situações, experiências e vivências passadas por elas vão depender de um “sistema complexo de interação onde se cruzam múltiplas influências”, mostrando então que não cabe ao intermediador buscar estipular, apenas por contextos diretos de participação, por exemplo, que o momento gerou no aluno ou não um maior pensamento cooperativo.

Os autores reconhecem o poder de transformação por parte do ambiente educacional, relatando que enxergam por meio das diversas vivências e experiências relacionadas ao ambiente escolar um potencial enorme de gerar ao aluno aprendizados, mas que tal aprendizado não deve ser baseado em esperanças sem fundamento e promessas de uma sociedade e mundo de perfeição e amor, sendo que na visão dos autores essa não é a realidade. Como dizem:

“Todavia, melhorar o mundo melhorando a educação, seja o que for que isto signifique, não é uma tentativa descabelada. A educação é um dos recursos que temos para essa tarefa coletiva e, portanto, não deve ser descartada, nem reduzida em importância. Entretanto, fazer isso com uma retórica baseada em falsas esperanças, absolutizando quer o poder transformador, quer sua força conservadora, e que desconhece a complexidade das interações sociais e seus efeitos por vezes contraditórios, é uma atitude que deveria ser descartada, pois contribui com o fracasso das boas intenções.” (P. 131)

Os autores trazem estudos de Orlick relatando que foram realizadas intervenções onde existiam dois grupos de amostra, com intervenções utilizando-se jogos em ambos os grupos. A diferença entre eles é que em um dos grupos ocorreu a utilização dos Jogos Cooperativos como intervenção e no outro grupo foi realizado uma intervenção com Jogos Tradicionais.

Orlick então relatou que os grupos que realizaram os Jogos Tradicionais não obtiveram durante a prática nenhuma atitude cooperativa, com exemplos de hostilidades, crueldades e atitudes egocêntricas. Tendo como referência o outro grupo, que foram realizadas intervenções voltadas para os Jogos Cooperativos, gerou como resultado um nível maior de cooperação tanto no momento do jogo e das práticas quanto nos ambientes e momentos fora do ambiente escolar. Sobre isso vão falar:

“Pensamos que talvez as crianças apenas estivessem jogando o jogo proposto, pois, na pesquisa, não se estabelece a permanência das condutas cooperativas adquiridas. Em outros termos, a competição entre as crianças podia ser pela medalha do “mais cooperativo” ou, mais simplesmente, para satisfazer aos proponentes. O ponto é que não pode ser suposta uma relação determinística entre jogar a “isso”, competição e cooperação, e ser “isso”. (P. 133)

Ainda falando sobre as obras e publicações de Orlick, o texto também vai de encontro com as argumentações do autor acerca da visão de que os Jogos Cooperativos buscam e priorizam o encontro de indivíduos e não o confronto, realizando assim uma relação de que os Jogos Competitivos trariam o confronto como eixo norteador. Para contrapor esses pensamentos, os autores irão citar os estudos de Norbert Elias e dizer:

“ [...] o esporte competitivo seria uma força de substituição mimética do tipo de confronto que a guerra significa, como muitos jogos tradicionais, geralmente simulando a guerra. Esportes e jogos se caracterizariam pelas restrições à violência impostas pelo respeito obrigatório às regras que os estruturam. “ (P. 134)

O texto traz ainda em seu final as premissas dos defensores dos Jogos Cooperativos acerca de uma sociedade capitalista em ruínas, que tem gerado

aos indivíduos apenas reações negativas e de situações que têm como potencial gerar o fim de toda a construção social. Vão dizer então:

“ A moderna administração de empresas, pelo menos desde a revolução na administração gerada por Taylor,⁶ adotou a cooperação como princípio a ser posto em prática para aumentar a produtividade e competitividade das empresas. A valorização da cooperação, então, pode estar a serviço daquilo que é criticado e rejeitado pelos defensores dos jogos cooperativos, que deveriam advertir suas proximidades com o discurso renovador da administração capitalista. ” (P. 137)

3.4 - Jogos Cooperativos – eu aprendo, tu aprendes, nós cooperamos:

Publicado em 2009 pela Revista Mackenzie de Educação Física, tem como autores Ligia Calandro Mendes, Ronê Paiano e Isabel Porto Filgueiras.

O artigo abordou pesquisa envolvendo várias intervenções onde o foco e metodologia eram os Jogos Cooperativos, tendo em vista, segundo o coletivo de autores, que “a vivência de situações cooperativas pode contribuir para que os alunos aprendam a se relacionar de forma construtiva nos jogos, na Escola e na vida social. ” (P. 135)

O texto fala inicialmente da importância dos Jogos para as diversas fases do desenvolvimento, assunto que já abordamos bastante no primeiro capítulo deste trabalho.

Evidenciando em seguida todos os contextos envolvidos com a cooperação defendidas por Brotto, Correia, Soler e todas as referências que defendem os Jogos Cooperativos, não só como ferramenta de trabalho, mas a cooperação como conteúdo dentro do ambiente escolar.

O estudo se baseia em um conjunto de intervenções, onde foram realizados questionários e entrevistas, tanto com os alunos quanto com os professores. Com essas entrevistas e questionários, buscou-se analisar e compreender a vivência dos alunos com relação às atividades propostas pelos professores.

Com essas entrevistas e questionários, não só a vivência e experiência dos alunos foram levadas em consideração, mas a visão da professora acerca das vivências relatadas nas aulas e registro de todos os detalhes que ocorreram durante as intervenções.

Como resultado, mostrou-se eficaz a metodologia dos Jogos Cooperativos com:

“Em relação às crianças, elas foram estimuladas, dentre outras coisas, a se expressar e ouvir nas rodas de conversa, a se aproximar sem se agredir, a dar as mãos em um pega-pega corrente, a se abraçar na brincadeira da pipoca, a atuar coletivamente no pára-quedas, enfim a se respeitarem” (P. 152)

O artigo enfatizou, com a análise da visão dos professores em relação à prática que, as entrevistas realizadas no final das intervenções e práticas dos Jogos Cooperativos, são fundamentais para entendimento real por parte dos alunos dos conteúdos ali abordados.

3.5 - A Agressividade na Educação Infantil: O Jogo Como Forma de Intervenção

Publicado em 2009, pela Revista Pensar a Prática, tem em sua produção o coletivo de autores: Thábata Candreva, Vanessa Cassiane, Marcela Prado Ruy, Leandro Thomazini, Halina de Freitas Cestari, Elaine Prodócimo.

O artigo em questão não traz a abordagem dos Jogos Cooperativos como foco de tematização, mas, foi escolhido também para discussão por fazer uma análise de vários contextos ligados à comportamentos agressivos na realidade escolar, realizando com o jogo, uma busca por uma solução.

Trata os Jogos Cooperativos como “uma das formas” de lidarmos com os contextos e situações envolvendo agressividade no ambiente escolar, mas relata que não enxerga como única possibilidade possível, inclusive incluindo o contexto da competição como um possível transformador de hábitos, pensamentos e realidades também.

Finalizando a pequena parte que o texto fala sobre os Jogos Cooperativos e suas realidades, o texto defende que um bom profissional esforçado e que tem como objetivo a transformação das realidades dos ambientes escolares não deve se preocupar com retirar ou não a competição da realidade infantil, mas sim entender quais os fatores que se passam para tais situações. Como diz:

“Professores realmente preocupados com o desenvolvimento das características humanas, ao invés de tentarem eliminar o caráter competitivo dos jogos, deveriam procurar compreendê-lo e utiliza-lo para valorizar as relações. Creio ser mais educativo reconhecer a importância do vencido e do vencedor do que nunca competir” (P. 9)

Para finalizar, o texto de Marcos Miranda Correia “Jogos cooperativos: perspectivas, possibilidades e desafios na educação física escolar” também foi publicado por uma das revistas que escolhemos como principais em 2006. Foi decidido não inseri-lo nesta parte do trabalho pois é um artigo que traz uma visão simplificada da sua dissertação de mestrado, que virou o primeiro livro do autor, que já tem um capítulo todo falando sobre neste trabalho, não existindo assim a necessidade de repetir.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi buscar compreender melhor o contexto dos Jogos Cooperativos e suas realidades no Brasil, tentando trazer um norte geral de diversas argumentações que tangem o nível social, pedagógico, psicológico e social das abordagens e concepções.

Além disso, era de suma importância para o estudo compreender como essas teorias são relatadas nas produções acadêmicas e revistas que tematizam e trazem os contextos da Educação Física no ambiente escolar como foco principal.

Obtivemos com a realização deste estudo resultados relevantes para o pensamento dos Jogos Cooperativos e a produção acadêmica acerca do tema. Uma dessas conclusões foi a realidade de baixa produção acerca do tema, tendo em vista que, no início do estudo, tínhamos tomado como referência cinco periódicos de publicação e ao final acabamos finalizando com apenas três, já que dois dos escolhidos, que tematizam a Educação Física e suas realidades na escola, não citavam nada sobre o tema dos Jogos Cooperativos.

Outro fator relevante foi que ainda não existe uma opinião consensual na literatura acerca do assunto. Em seis dos artigos encontrados, dois deles estavam tratando as ideias dos Jogos Cooperativos de forma negativa e utilizando das várias argumentações existentes do uso da competição a favor do aprendizado, um deles ainda se mostrou incerto e disse que ambos poderiam ser relevantes para o aprendizado, tendo os outros três com argumentações a favor e em defesa do uso e da implementação dos Jogos Cooperativos no ambiente escolar.

Levando esses fatores em consideração, é possível considerar bastante rica a discussão, já que é possível enxergar argumentos positivos e

opiniões fundamentadas, que podem ajudar na discussão e construção de novos conceitos. É necessário, portanto, que sejam desenvolvidos mais estudos na área, principalmente quando se trata da implementação dos Jogos Cooperativos e suas diferentes reações nas realidades de cada indivíduo, o que certamente trará frutos aos diversos ambientes de aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ORLICK, Terry. Vencendo a competição: Como usar a cooperação. São Paulo: Círculo do Livro, [1978].

MATURANA. H. R. Emoções e linguagem na educação e política. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

SOLER, Reinaldo. Jogos cooperativos para educação Infantil. 2.ed. Editora Sprint. 2006

CORREIA, M. M. Jogos cooperativos e Educação Física escolar: possibilidades e desafios. Lecturas: EF y Deportes – Revista Digital, Buenos Aires, v. 12, n. 107, abr. 2007

BALIULEVICIUS, N. L. P.; MACÁRIO, N. M. Jogos cooperativos e valores humanos: perspectiva de transformação pelo lúdico. Fitness & Performance Journal, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 50-56, jan./fev. 2006

BROTTO, F. O. Jogos cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência. Santos: Projeto Cooperação, 2002.

BROTTO, F. O. Jogos cooperativos: se o importante é competir, o fundamental é cooperar. Santos: Renovada, 2000.

SOLER, R. 210 Novos Jogos Cooperativos Para Todas as Idades. Rio de Janeiro: Sprint, 2009-a.

SOLER, R. Jogos cooperativos. Rio de Janeiro: Sprint, 2002

FRIEDMAN, Adriana. Brincar: crescer e aprender o resgate do jogo infantil. São Paulo: Moderna, 1996.

BROWN, Guillermo. Jogos cooperativos: teoria e prática. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

CORREIA, M. M. Jogos cooperativos na escola: possibilidades e desafios na Educação Física escolar. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação e Letras, UNIG, Nova Iguaçu, 2004

LOVISOLO, H. Mediação: esporte rendimento e esporte da escola. Revista Movimento. Porto Alegre, ano VII, n. 15, p.107-117. 2001.

MATURANA. H. R. Emoções e linguagem na educação e política. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

HUIZINGA, Johan. Homo ludens: o jogo como elemento da cultura. 4. ed São Paulo :Perspectiva, 1996.

